

JUDAÍSMO REFORMISTA NO BRASIL: SOB O OLHAR DE
CONVERTIDOS PELA SINAGOGA DA ARI DO RIO DE JANEIRO

REFORM JUDAISM IN BRAZIL UNDER THE CONVERTS' EYES BY THE
ARI OF RIO DE JANEIRO

Michelle Gonçalves de Castro¹

Resumo: Pautando-me pelos dados colhidos em formulários enviados a um grupo de convertidos ao judaísmo (2006-2016) pela sinagoga da Associação Religiosa Israelita do Rio de Janeiro, pretendo apresentar as perspectivas daqueles que responderam ao formulário mencionado sobre o que é o Judaísmo Reformista brasileiro, assim como as características peculiares dessa corrente judaica dentro da sociedade brasileira, em comparação com o Reformismo em outros países da América Latina, além de EUA e Canadá, logicamente de acordo com a vivência de cada entrevistado.

Palavras-chave: Judaísmo reformista, Modernidade, Identidade Judaica

Abstract: On the basis of data collected from forms sent to a group of converts to Judaism (between 2006-2016) by the synagogue of the Israelite Religious Association of Rio de Janeiro, I intend to present the perspectives of those who answered the form about what is the Brazilian Reform Judaism in their own perception. As well as the peculiar characteristics of this Jewish current within Brazilian society in comparison with Reformism in other Latin American countries. In addition to the US and Canada, logically according to the experience of each interviewed.

Key-words: Progressive Judaism, Modernity, Jewish identity.

¹ FFLCH – Faculdade de Letras USP, Mestranda em Estudos judaicos

Peguemos nossas carteiras de RGs para observarmos: elas contém uma série de informações básicas a nosso respeito como, por exemplo, a data e o local de nascimento, o nome de nossos pais, a nossa foto e o número de registro da Certidão de Nascimento. É o que chamamos de carteira de identidade.

Contudo, a carteira de identidade é apenas um pequeno meio que nos identifica dentro da vida social, nela nós adquirimos outras características que designarão o “quem eu sou”.

É interessante na língua hebraica o fato da palavra vida estar escrita com sufixo no plural, indicando que são vidas, “*lesh li chaim*” (eu tenho vidas), ou seja, na faculdade eu sou mestranda, entre os meus amigos eu sou conhecida por algum vulgo, para o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) eu sou um número, e adiante segue-se uma série de possibilidades que, ao longo da vida, agregam-se àquilo que me define individualmente ou nos espaços coletivos.

Quando tratamos de religião, o indivíduo torna-se alguma coisa para ou na religião também e, no caso do judaísmo, isso pode estar ligado a uma ou algumas etnias (judeus *askenazitas*, *sefaraditas* e *mizrachim*², por exemplo), a culturas, e a tradições religiosas.

Todos esses particularismos mencionados são introdutórios para inserirmos neste breve discurso o que chamamos de *Judaísmo Reformista*, uma corrente judaica surgida no início do século XIX, altamente influenciada pelo movimento político designado *Haskalá*, e que irá redefinir o contexto religioso judaico a partir de seu surgimento.

Sustentar a identidade judaica sempre foi uma questão de escolha e, frequentemente, uma decisão muitas vezes árdua, seja sob o cutelo de tiranos; o jugo de monarcas sádicos e regimes autocráticos; ou ainda, de modo menos caótico, sob a forma de conversão.

Podemos dizer que o legado judaico está muito além de preceitos religiosos, liturgias, músicas, comidas, indumentárias, ou questões de etnia.

² Termos que desrespeitam às origens do judeus, seja da Alemanha, França, Hungria e Rússia, Espanha ou Portugal, e Oriente Médio. (O judaísmo vivo, ASHERI, pg. 8)

Ser judeu não se resume à uma relação histórica com a terra dos ancestrais, com o útero onde o sujeito foi gerado, ou uma fé confessada. Ser judeu, na concepção aqui adotada, é sobretudo uma decisão em todos os casos da linguagem que se quer expressar, dos valores que se quer transmitir, assim como é um desafio contra a própria vida em face ao antissemitismo crescente em todo o mundo.

Seja por uma necessidade de aceitação externa, ou pela própria evolução de suas características culturais internas, os judeus adaptaram e reestruturaram seu modo de vida em diversas ocasiões, nas quais gradativamente buscaram estabelecer relações com a coletividade maior por meio da ética judaica. Nesse sentido, faz-se necessário compreender que o judaísmo Reformista nasce como uma resposta para seu tempo.

Sabe-se que as influências da *Revolução Francesa* sobre a comunidade judaica na Europa (inclusive no Leste europeu) nutriram diretamente a luta por sua emancipação política e, ainda, que seus ideais universalistas não atingiram somente as esferas políticas da comunidade judaica, afetaram, sobretudo, suas práticas religiosas, suas tradições e os seus costumes. Muitos judeus, especialmente os mais jovens, sentiram a necessidade de romper com determinadas práticas da *Tradição*³ por considerá-las pouco coerentes com a nova ordem em ascensão no continente europeu e Rússia, ou seja, os ideais de um mundo mais pluralizado.

No final do século XVIII, nasce na Alemanha o movimento de caráter político designado *Haskalá*, o chamado *Iluminismo judaico*. A proposta de seus fundadores, os chamados *maskilim*, atingiu diretamente o modo de vida judaico, incorporando ao dia-a-dia do judeu novas maneiras de viver e enxergar a realidade, tais como a renovação no ensino das ciências e das artes, a difusão dos pensamentos filosóficos ocidentais dos iluministas franceses, assim como a Filosofia do período Clássico. O mais ilustre entre os precursores desse movimento fora Mosché Mendelssohn (1729-1786) que, imbuído do desejo de elevar intelectualmente os judeus residentes nos

³ Tradição judaica: crença em um único Deus, na divina revelação da *Torá* (cinco primeiros livros da Bíblia e Hebraica), no cumprimento dos preceitos religiosos (*mitzvot*), entre os quais destacam-se guardar o *Shabat*, as leis de *kashrut* (regras alimentares) e a circuncisão.

guetos, criou escolas laicas dentro desses territórios, além de traduzir a *Torá* para o alemão.

É nesse contexto que nascerá o *Judaísmo Reformista*, o qual se distingue do *Judaísmo Tradicional*, principalmente no que diz respeito à observância de algumas *mitzvot* (preceitos judaicos), por exemplo, as leis dietéticas judaicas (*kashrut*), guardar o *Shabat* e a prática da circuncisão. Além disso, as rezas passam a ser feitas no idioma local, as mulheres alcançaram maior igualdade no culto (podem se sentar junto aos homens, vestir o *talit*⁴ e os *tefillin*⁵, e hoje já temos mulheres rabinas), as rezas se tornaram mais curtas, órgãos foram incorporados à música, e a integração com não-judeus foi ampliada.

Mas, indo ao que nos interessa, como pessoas convertidas ao judaísmo enxergam o *Reformismo* no Brasil?

Essa pergunta surgiu a partir da observação de inúmeros fenômenos culturais peculiares ao judaísmo carioca, como a circulação de judeus reformistas no meio de outras expressões judaicas existentes na cidade, assim como em outros meios religiosos de matrizes distintas ao judaísmo, como o candomblé.

Um questionário contendo diversas perguntas foi enviado a um grupo de ex-alunos do curso de Introdução ao judaísmo, da sinagoga da *ARI* (*Associação Religiosa Israelita do RJ*); desse formulário foram separadas três questões que pudessem nos ajudar a construir o presente artigo, fruto da apresentação no *VIII Simpósio Nacional de Estudos judaicos*, realizado na Universidade de São Paulo (USP).

A primeira questão do referido formulário indagava o que é ser um judeu *reformista* no Brasil e as respostas para essa pergunta foram, em certa medida, construídas em oposição ao *Judaísmo Ortodoxo*, porém predominantemente atribuídas à necessidade de ser judeu e ao mesmo tempo estar integrado à sociedade Moderna/Pós-moderna, onde, para aqueles que responderam, o judaísmo compõe uma característica da vida privada do judeu, o qual deve ter maior flexibilidade no cumprimento das leis

⁴ Manto de orações

⁵ Par de caixas pretas presas à tiras de couro animal, em cujo conteúdo encontram-se trechos da *Torá*.

judaicas para poder fazer parte de outros círculos sociais, não-judaicos, de forma mais harmoniosa.

Contudo, houve uma resposta que me chamou a atenção, uma das pessoas entrevistadas disse:

O judaísmo *reformista* existe exatamente para proporcionar a pessoas, como eu, de se converterem e viverem uma vida judaica, respeitando que elas tiveram uma história passada e desejam, com convicção, viverem uma vida futura dentro da crença, cultura, costumes e ideologia judaica. O *Reformismo* quebra barreiras que impediam uniões genuínas entre pessoas com histórias diversas e, mais ainda, contribuem para que esse novo par se aproxime ainda mais da religião que juntos decidiram seguir. Para os já nascidos “judeus”, que possam continuar a praticar sua fé; para o cônjuge convertido a afirmação de sua escolha e sua adaptação progressiva a este novo ambiente; e para os filhos dessa união, a estabilidade familiar, sem o medo da rejeição pelo meio social onde estarão inseridos.

Isso só é possível graças à modernização e adaptação da tradição religiosa à vida atual, muito diferente de nossos antepassados.

(Formulário da pesquisa acadêmica, 2018)

Em conversa com o rabino Sérgio Margulies⁶, rabino da *ARI*, questionei sobre fatores internos e externos que influenciam na construção da identidade judaica daqueles que desejam se converter ao judaísmo. O rabino colocou de forma muito esclarecedora que existe uma linguagem própria judaica que o convertido precisa adotar, caso queira seguir como judeu ou judia dentro da comunidade.

A motivação intelectual e a identificação com a espiritualidade judaica são pontos importantes para aqueles que se convertem, entretanto, a adoção das práticas dos valores particulares judaicos requerem a vivência espiritual e cultural em âmbito comunitário. Sem isso é difícil para o novo judeu ou judia se integrar totalmente à vida judaica, que sobretudo é experiência coletiva.

Quando a entrevistada anteriormente mencionada afirma que o judaísmo reformista respeita a história anterior dos que se converteram, isso não significa que haverá a incorporação total dessa história passada à nova fé adotada,

⁶ Rabino da Associação Religiosa Israelita do Rio de Janeiro.

antes, como fala o próprio rabino Margulies “(...) quem se propõe a adotar uma nova religião deve refletir sobre a identidade e pensar na responsabilidade de incorporar-se a uma comunidade de fé e de valores. Isto adiciona uma pergunta: “O que é esperado de mim?”.

Nesse sentido, algumas linguagens serão incompatíveis teologicamente com o judaísmo, sendo assim, aqueles que estão no processo de conversão, ou os que se propõem ao mesmo, devem se questionar se de fato é esse o *habitus*⁷ que querem adotar. É preciso ter a convicção da fé e dos valores judaicos para seguir com a nova identidade.

A segunda pergunta visava entender se os convertidos tinham conhecimento de outras nuances da corrente Liberal. A questão indagava se os entrevistados sabiam dizer se o judaísmo Liberal brasileiro possui características distintas dos demais da América Latina e dos EUA e a grande maioria deles não soube responder à pergunta, pois muitos nunca saíram do Brasil ou não se informaram sobre as diversas características do próprio judaísmo Liberal.

Contudo, houve quem respondesse que, embora a maior parte das instituições reformistas partilhem as bases da WUPJ (*World Union for Progressive Judaism*⁸), alguma diferença pode ser evidenciada através da trajetória sócio-econômico-cultural de cada uma; acredito que essa reflexão deva estar relacionada diretamente com o país para onde os judeus se refugiaram após as I e II Grandes Guerras, ou seja, os processos políticos e sócio-culturais que cada país vivia no momento e, posteriormente, como se construíram ao longo das décadas, até o presente ditaram de certo modo os rumos de cada comunidade, em cada país.

Propositalmente, coloquei uma pergunta muito semelhante à segunda para provocar maior reflexão dos convertidos sobre o entendimento do *Reformismo*.

A questão pedia para que o entrevistado dissesse o que é ser um judeu *reformista* no Rio de Janeiro de acordo com sua visão e se, além disso, ele

⁷ Na Antropologia: modo de ser de um indivíduo ligado a um grupo social, que se relaciona especialmente com a aparência física - roupa, atitude, et cetera (*Google* dicionário).

⁸ Organização Internacional dos movimentos Reformista, Liberal, Progressista, e Reconstrucionista, fundada em Londres no ano de 1926 (<http://wupj.org>).

notava alguma singularidade no *judaísmo reformista* carioca, ou seja, algum traço distintivo em decorrência do próprio ambiente da cidade.

A meu ver, a resposta mais expressiva foi de uma entrevistada que afirmou: “Ser *reformista* no Rio de Janeiro é ter uma ligação com a ARI, já que ela é a única sinagoga *reformista* no Rio”.

Parece uma resposta óbvia, mas se pensarmos que muitas pessoas se consideram judeus *reformistas* sem ao menos pôr os pés numa sinagoga, não é algo tão óbvio assim. Existem muitos judeus que não são religiosos, são ateus inclusive, mas que ideologicamente simpatizam mais com o *Movimento Reformista*, logo, para esses, a ARI seria sua referência de judaísmo.

Em contrapartida, para aqueles que são religiosos, a cidade do Rio de Janeiro é um agregado de gostos, sabores, ritmos e cores que particularizam a vida judaica na cidade em relação aos demais Estados brasileiros

Para muitos dos participantes da pesquisa, ser judeu *reformista* no Rio de Janeiro, representa coexistência. Que só pode se dar a partir de um judaísmo integrado à sociedade não-judaica, mas que preserva os valores e as tradições judaicas fundamentais.

Particularmente, já ouvi de algumas pessoas que conheci que o *judaísmo reformista* é um transgressor da *Tradição*, porém, eu desconsidero essa afirmativa partindo de minha experiência pessoal, do convívio durante oito anos dentro de uma sinagoga *Reformista*.

O *judaísmo reformista* de hoje não é o mesmo do século XIX, inclusive, três dos entrevistados afirmaram considerar que o *judaísmo reformista* brasileiro é bem mais conservador do que o *Reformismo* nos EUA; muitas mudanças ocorreram em seu seio, entretanto, o respeito aos valores e à *Tradição* judaica permanecem.

Logo, encaro o *Reformismo* como um lado, outra face judaica, um feixe de luz colorido entre tantas expressões de cores do judaísmo. Uma linha de pensamento, de espiritualidade e de cultura onde os valores judaicos são levados a sério, onde a ética judaica busca na essência da *Halachá*⁹ viver e conviver em um mundo em constante (re)construção.

⁹ Lei judaica.

AGRADECIMENTOS: O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001.

BIBLIOGRAFIA:

ASHERI, Michael, O judaísmo vivo. Rio de Janeiro, 2ªed, Imago, 1995.

GOOGLE dicionário. [https://:google.com.br](https://google.com.br)

PINSKY, Jaime. Origens do nacionalismo judaico. São Paulo: Ed. Ática, 1996.

BEREZIN, Rifka. Caminhos do povo judeus IV. São Paulo: Ed. Planimpress, 1977.